

PENSAR O **(im)PENSÁVEL**



INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ E PUCPRESS
DEBATEM A PANDEMIA COM

**CRISTIANE MURRAY
E VINCENZO SUSCA**
#PARTE 1



Instituto
Ciência e
Fé PUCPR

PUCPRESS

Pensar o **(im)pensável**

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com

**CRISTIANE MURRAY
E VINCENZO SUSCA**

PARTE 1



**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo

SOBRE OS CONVIDADOS

Cristiane Murray é jornalista brasileira e atua como Vice-diretora da Sala de Imprensa da Santa Sé, em Roma.

Vincenzo Susca é sociólogo francês, diretor do departamento de sociologia na Universidade Paul-Valéry, de Montpellier, na França.

SOBRE OS CURADORES

Fabiano Incerti é filósofo, professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Diretor do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

Douglas Borges Candido é filósofo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Especialista do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

TRADUÇÃO

Eduardo Portanova Barros: é doutor em Comunicação Social pela PUCRS; tradutor brasileiro; e autor de *Truffaut: o homem que amava o cinema*.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Elisama Nunes. Projeto gráfico e diagramação: Indianara de Barros.

Em tempos tão tecnológicos, quais são os riscos e as potencialidades dos meios de comunicação. E qual o papel destes no debate ético?

A refinada tecnologia do mundo atual potencializa a união, aproxima as pessoas e facilita relações humanas e profissionais. Ao mesmo tempo, democratizando espaços, fomenta a divisão.

A Internet é hoje o principal veículo de informação, mas a contaminação pelas *fake news* é um risco presente, é difícil identificar quais são as fontes confiáveis. Entre os jovens, há um amplo uso de redes sociais para fins de informação. Mas elas são também o maior veículo de desinformação. Quantos sites e plataformas são hoje capazes de transmitir conteúdos especificamente destinados a orientar a opinião pública? O principal efeito deletério é a excessiva polarização. Hoje vemos on-line uma competição sem alguma regra ética, e joga quem quer.

Em 2020, a sós na Praça São Pedro por conta do isolamento social ocasionado pela pandemia, o Papa Francisco disse que estamos todos no mesmo barco. Em sua visão, o que tais palavras significam?

A pandemia estava se alastrando, o mundo inteiro se abalava pela incerteza e o medo. O vírus é um inimigo invisível, inesperado, assustador, mortal. O momento de oração do Papa sozinho na Praça inundada de chuva, na fria noite de março, é um retrato que vamos mostrar a nossos filhos e netos, explicando-lhes: “Vejam como nossa humanidade ficou fragilizada, este homem sozinho diante da cruz, com milhões de pessoas que o ouvem em toda parte do mundo”.

In such technological times, what are the risks and potential of the media. And what`s their role in the ethical debate?

The refined technology of the current world enhances unity, brings people together and facilitates human and professional relationships. At the same time, by democratizing spaces, it fosters division.

The Internet is nowadays the main vehicle for information, but contamination by “fake news” is a present risk. It`s difficult to identify which are the reliable sources. Among young people, there`s widespread use of social networks for information purposes. But they are also the biggest vehicle for disinformation. How many sites and platforms are today capable of transmitting content specifically designed to guide public opinion? The main deleterious effect is excessive polarization. Today we see a competition online without any ethical rules, and play whoever wants to do so.

In 2020, alone in Piazza di San Pietro, due to the social isolation caused by the pandemic, Pope Francis said that we are all in the same boat. In his view, what do such words mean?

The pandemic was spreading and the whole world was shaken by uncertainty and fear. The virus is an invisible, unexpected, scary, deadly enemy. The Pope`s moment of prayer alone in the rain-drenched “piazza”, on the cold night of March, is a portrait that we will show to our children and grandchildren, explaining to them: “See how our humanity became fragile: this man alone

“Há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo de um silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares”: as palavras do Pontífice foram um pedido de ajuda, um apelo à fraternidade a iluminar a escuridão do isolamento e do individualismo. Se todos remarmos juntos, podemos dar respostas à crise econômica e social consequente da pandemia. Se deixarmos de ser autorreferenciais, pensarmos com a ciência e agirmos como irmãos e irmãs, poderá haver vacinas, teto e comida para todos. A tempestade ainda não passou, e ninguém se salva sozinho.

Do ponto de vista do magistério de Francisco, qual deve ser o papel do cristianismo diante do mundo em que vivemos?

Existe um documento do Papa que, como tantos outros, é de fácil leitura: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. É um texto de 2013, bem no início do Pontificado, que apresenta o Evangelho como alegria e enfatiza a natureza missionária da Igreja. Nesse documento, o Papa adiantava ao mundo seus objetivos, partindo sempre de sua vivência pastoral, ou seja, do contato vivo com as pessoas. O gosto pela experiência que dá substância à reflexão. Francisco é um Pontífice que fala com gestos. Ser cristão é estar pronto a se abrir, a ouvir, a ir ao encontro, a perdoar. O bom cristão peca e pede sempre perdão, pois sabe que o seu Deus está pronto a fazê-lo.

“A Igreja proclama o ‘Evangelho da paz’ e está aberta à colaboração com todas as autoridades nacionais e internacionais para cuidar deste bem universal tão grande. Ao anunciar Jesus Cristo,

before the cross, with millions of people who hear it from all over the world”.

“It seems like the evening has been going on for weeks, the night seems to fall. Dense darkness covered our squares, streets and cities; they took over our lives, filling everything with a deafening silence and a desolate emptiness, which paralyzes everything to its passage: one senses in the air, one notices in the gestures, the looks tell us so”: the Pontiff’s words were a call for help, an appeal to the fraternity to illuminate the darkness of isolation and individualism. If we all row together, we can provide answers to the economic and social crisis resulting from the pandemic. If we stop being self-referential, think with science and act like brothers and sisters, there may be vaccines, a roof and food for everybody. The storm hasn’t yet passed, and no one is saved alone.

From the point of view of Francis’ teaching, what should be the role of Christianity in the world in which we live?

There is a document from the Pope that, like so many others, is easy to read: the Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium. It’s a 2013 text, at the very beginning of the Pontificate, which presents the Gospel as joy and emphasizes the missionary nature of the Church. In this document, the Pope advanced his objectives to the world, always starting from his pastoral experience, that is, from living contact with people. The taste for experience that gives substance to reflection. Francis is a Pontiff who speaks with gestures. To be a Christian is to be ready to open up, to listen, to meet, to forgive. The good Christian always sins and asks for forgiveness because

que é a paz em pessoa, a nova evangelização incentiva todo o batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha crível de uma vida reconciliada. É hora de saber como projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. O autor principal, o sujeito histórico deste processo, é a gente e a sua cultura, não uma classe, uma fracção, um grupo, uma elite. Não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural” (EG, 239).

Acredito que estas palavras sintetizem bem o nosso papel de cristãos, nosso dever como seres humanos que coabitam na mesma Casa Comum.

A última encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, toca no valor da amizade social. Qual a importância desta em tempos de distanciamento e isolamento social?

A resposta está na própria Encíclica: “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (30). A amizade social está na base também para uma boa comunicação. Um jornalista não pode prescindir do encontro, do testemunho. Para contar, escrevendo ou relatando à voz, é necessário ver e ouvir. Ouvir também com o coração. Encontrar

he knows that his God is ready to do so.

“The Church proclaims the ‘Gospel of peace’ and is open to collaboration with all national and international authorities to look after this very universal good. In announcing Jesus Christ, who is peace in person, the new evangelization encourages everyone who is baptized to be an instrument of peacemaking and a credible witness to a reconciled life. It’s time to know how to project, in a culture that favors dialogue as a form of encounter, the search for consensus and agreements, but without separating it from the concern for a just society, capable of memory and without exclusions. The main author, the historical subject of this process, is people and their culture, not a class, a fraction, a group, an elite. We do not need a project from a few to a few, or an enlightened or testimonial minority that appropriates a collective feeling. It’s an agreement to live together, a social and cultural pact” (EG, 239).

I believe that these words epitomize our role as Christians, our duty as human beings who cohabit in the same Common House.

Pope Francis’ latest encyclical, *Fratelli Tutti*, touches on the value of social friendship. What’s the importance of this in times of distance and social isolation?

The answer is in the Encyclical itself: “Isolation and closure in ourselves or in our own interests will never be the way to give hope back and carry out a renewal, but the closeness, the culture of the encounter. Isolation, no; proximity, yes. Culture of confrontation, no; culture of the encounter, yes” (30). Social friendship is also the basis for good communication. A journalist

as realidades e pessoas, vê-las com seus olhos. A mensagem do Papa Francisco aos comunicadores em 2021 tem como centro justamente esse tema: “Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são”.

Sem dúvida, a atual pandemia tornou o desejo de ir às pessoas um grande desafio. Comunicadores fizeram seu trabalho diante de uma tela, entrevistas foram mediadas por monitores, cada realidade ficou isolada em si mesma e nós também fomos nos fechando. A tecnologia veio cada vez mais forte em nossa ajuda; agilizou a informação, salvou vidas.

O que a pandemia da Covid-19 nos ensinou (ou deveria ter nos ensinado)?

Pessoalmente, acredito que a pandemia nos fez perceber concretamente a impotência da humanidade diante de um inimigo comum. Nos sentimos constringidos, com um cotidiano diferente. Por um lado, a pandemia evidenciou a adaptabilidade do ser humano, pois encontramos novas formas de trabalho, de fazer compras, de estar em contato com amigos. Demonstramos ser criativos e inteligentes. Por outro lado, talvez tenhamos perdido a chance de demonstrar que somos uma comunidade, que vivemos uns graças aos outros, que não podemos descartar quem é mais fraco. “Desta crise sairemos melhores ou piores?”.

Qual deve ser o papel das Universidades Católicas na sociedade pós-pandemia?

Esta talvez seja a resposta também à pergunta anterior: nossa geração, crianças, jovens, adultos e idosos que atravessamos a pandemia do início ao fim, seremos certamente “uma boa matéria de estudos” para os cientistas

cannot ignore the meeting, the testimony. To tell, writing or reporting in audio, it's necessary to see and hear. Listen also with your heart. Find realities and people, see them with your eyes. Pope Francis' message to communicators in 2021 centers on precisely this theme: “Communicating by meeting people where they are and how they are”.

Undoubtedly, the current pandemic has made the desire to reach people a great challenge. Communicators did their work in front of a screen, interviews were mediated by monitors, each reality was isolated in itself and we also closed ourselves off. Technology has come more and more strongly to our aid; streamlined information, saved lives.

What did the Covid-19 pandemic teach us (or should have taught us)?

Personally, I believe that the pandemic made us realize concretely the impotence of humanity in the face of a common enemy. We feel constricted, with a different daily life. On the one hand, the pandemic showed the adaptability of the human being, as we found new ways of working, of shopping, of being in contact with friends. We demonstrate to be creative and intelligent. On the other hand, we may have missed the chance to demonstrate that we are a community, that we live thanks to each other, that we cannot rule out who is weaker. “Are we going to come out of this crisis better or worse?”.

What should be the role of Catholic Universities in post-pandemic society?

This may also be the answer to the previous question: our generation, children, youth,

do futuro. Médicos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, terão muito o que pesquisar sobre nosso comportamento e nossas reações ao fenômeno pandêmico. Acredito que não apenas a ciência se dedicará ao tema, mas também os acadêmicos católicos. Nossa esfera espiritual certamente se alterou. Um tema muito interessante de analisar.

Por fim, que mensagem do Evangelho o Papa Francisco quer deixar ao mundo em seu magistério?

No momento em que foi eleito, escolhendo o nome de Francisco, o Papa já “disse ao que veio”: “Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior”.

A explicação, contida no ponto 10 da Encíclica *Laudato si'*, é um retrato do próprio Pontífice e de seu magistério.

adults and the elderly who have been through the pandemic from beginning to end, will certainly be “a good subject of study” for the scientists of the future. Doctors, anthropologists, sociologists, psychologists will have a lot to research about our behavior and our reactions to the pandemic phenomenon. I believe that not only will science be dedicated to the topic, but also Catholic scholars. Our spiritual sphere has certainly changed. A very interesting topic to analyze.

Finally, what message of the Gospel does Pope Francis want to leave to the world in his teaching?

When he was elected, choosing the name of Francis, the Pope already “said what he came to”: “I took his name as a guide and inspiration, at the time of my election as Bishop of Rome. I think Francisco is an example par excellence of care for what is fragile and for an integral ecology, lived with joy and authenticity. He’s the patron saint of all who study and work in the field of ecology, also loved by many who are not Christians. He showed particular attention to the creation of God and to the poorest and most abandoned. He loved and was loved for his joy, his generous dedication, his universal heart. He was a mystic and a pilgrim who lived simply and in wonderful harmony with God, with others, with nature and with himself. It shows the extent to which the concern for nature, justice for the poor, commitment to society and inner peace are inseparable”.

*The explanation, contained in point 10 of the Encyclical *Laudato si'*, is a portrait of the Pontiff himself and his magisterium.*

Muito se falou que o futuro (das universidades, do trabalho, das escolas, do lazer, enfim, da nossa vida) será híbrido (parte presencial e parte virtual). Como você considera a questão da constituição de identidades em um cenário como este?

A identidade digital precede e excede sempre e, cada vez mais, nossa identidade tradicional, caracterizada pela prioridade do corpo físico em um espaço-tempo bem definido. Nos últimos anos, a proliferação dessas formas de mídia, em suas várias declinações — avatares, apelidos, perfis de redes sociais, *fakes*, *memoji* — libertou muitos indivíduos do peso de sua máscara social tradicional, entendida como gênero, cor de pele, classe social, capital cultural, etc...

Consequentemente, libertamo-nos de nossas habituais afiliações em nome de outros imaginários que dizem respeito às “afinidades conectivas”: gostos, estilos, símbolos e paixões que compartilhamos com o Outro, para além do espaço, do tempo e da vida social. Até antes da pandemia, essas configurações mantinham-se em diálogo com aquelas estabelecidas e atualizadas no contexto da vida física, nomeadamente os

On a beaucoup dit que l'avenir (des universités, du travail, des écoles, des loisirs, bref de notre vie) sera hybride (en partie en personne et en partie virtuel). Comment comprenez-vous la question de la constitution des identités dans un scénario comme celui-ci?

L'identité numérique précède et excède toujours — et de plus en plus — notre identité traditionnelle, caractérisée par la priorité du corps physique dans un espace-temps bien déterminé. Dans les dernières années, la prolifération de ces formes médiatiques sous leurs différentes déclinaisons — avatars, nick name, profils des réseaux sociaux, fakes, memoji — a affranchi nombreux individus du poids de leur masque sociale traditionnelle, déployé en tant que sexe, couleur de la peau, classe sociale, capital culturel... Par conséquent, nous avons été libérés de nos appartenances habituelles au nom d'autres imaginaires, ayant à voir avec des « affinités connectives » : les goûts, styles, symboles et passions qu'on partage avec l'autre au-delà de l'espace, du temps et de la vie sociale. Jusqu'à avant la pandémie, ces configurations restaient

territórios de socialização, da *socialidade*¹ ou do trabalho, ao passo que, agora, a nossa existência está quase totalmente enredada nas suas malhas.

Somos, assim, aqui e agora, antes de mais nada, o equivalente aos nossos perfis no *Twitch*, *Tik Tok* ou *Instagram*. Basta constatar-mos como, no cotidiano, vemos mais pessoas jogando ou teatralizando suas vidas digitais — tornando-se carne, carne eletrônica — sob a forma de *stories*, *lives* e *reels*. Parece, assim, cumprir-se o longo processo de “mídiação da existência”, que começou no século XVIII com o advento das metrópoles modernas.

A mídia é, hoje, a paisagem que habitamos, nosso espaço-tempo de vida. Nesse contexto, nossas identidades são mais fluidas e múltiplas do que nunca. Cada uma de suas facetas pode se manifestar em sincronia com as demais, com risco de curto-circuito e esquizofrenias diversas, pois, toda mutação e metamorfose implicam dor.

Nessas expressões, a presença do Outro é primordial, reduzindo a autonomia do indivíduo. Já que sua temporalidade é acelerada, elas obedecem mais às leis da emoção do que da razão. É por isso que deslizamos da opinião pública para a emoção pública, em que não é mais a razão que dirige as emoções, mas as emoções que pensam — e, por sua vez, *nos* pensam. A aceleração do ciberespaço, o caráter espasmódico e pulsante dos fluxos que o enervam, levam a “nuançar” a distinção entre pensamento e ação,

bien en dialogue avec celles établies et actualisées dans le cadre de la vie physique, à savoir les territoires de la socialisation, de la socialité ou du travail, alors que désormais notre existence est presque totalement enveloppée dans leurs mailles. Ainsi, nous sommes, ici et maintenant, d'abord et surtout l'équivalent de nos profils sur Twitch, Tik Tok ou Instagram. Pour en être sûrs, il suffit de constater comment, dans la rue, on voit davantage de personnes jouant ou mettant en scène leurs vies numériques — devenues chair, chair électronique — sous forme de Stories, Lives et Reels. Nous voyons ainsi s'accomplir le long processus de « médiatisation de l'existence » entamé au XVIII siècle avec l'avènement des métropoles modernes.

Les médias sont aujourd'hui le paysage que nous habitons, notre espace-temps de vie. Dans ce contexte, nos identités sont plus fluides et multiples que jamais. Chacune de leurs facettes peut se manifester de manière synchrone avec les autres, avec le risque de court-circuit et diverses schizophrénies. Car toute mutation et métamorphose implique de la douleur. Dans ces expressions, la présence de l'autre est primordiale, en réduisant l'autonomie de l'individu. Puisque leur temporalité est accélérée, elles obéissent plus à la loi de l'émotion qu'à celle de la raison. C'est pourquoi nous glissons de l'opinion publique à l'émotion publique, là où ce n'est plus la raison qui dirige les émotions mais les émotions qui pensent — et nous pensent.

L'accélération du cyberspace, le caractère spasmodique et pulsatif des flux qui l'innervent, conduit à nuancer la distinction entre pensée et action, de même qu'elle rend obsolètes les structures interprétatives qui renvoient à l'uni-

¹ *Socialidade*, que é diferente de « sociabilidade », termo que remete, segundo Maffesoli, em *A sombra de Dioniso* (São Paulo: Zouk, 2005, p. 12) “[...] à solidariedade orgânica em que se correspondem, num movimento sem fim, a relação com o cosmos e com o Outro”.

assim como tornam obsoletas as estruturas interpretativas que remetem ao universal e sua verdade totalizante.

A natureza *rizomática*² da rede revela o caráter parcial de toda verdade e tudo o que é de universal como totalitário, já que empurra o pensamento, bem como seus recantos e cavidades mais obscuros — começando pelo inconsciente, pelo onírico e pelo imaginário — que se manifestam como força concreta, como abstração real.

Com o termo *General Intellect* (Cérebro Social), Karl Marx indica o estágio a partir do qual não são mais certos fatos ou objetos — por exemplo, o dinheiro — que têm o status de pensamento, mas onde estão nossos pensamentos, enquanto tais, que se regozijam, de imediato, do estado dos fatos materiais. A transformação de um pensamento em “coisa” é uma abstração real, isto é, a modalidade pela qual uma ordem cognitiva se exterioriza e se cristaliza, tornando-se assim, necessariamente, outra e perdendo sua vitalidade originária: ela se sedimenta em uma matéria que, ao reproduzir o momento de elaboração de uma vida, morre e se transforma, imediatamente, em barreira para as passagens ulteriores, zonas de trânsito, formas de expressão.

Ora, se no caso da abstração real vemos, na verdade, um fato empírico que se corporifica e se declina na estrutura de um pensamento puro, já no caso do *General Intellect* a relação se inverte e muda de signo: nossos pensamentos aparecem em cena com todo o peso e incidência típica dos

versel et à sa vérité totalisante. La nature rhizomatique du réseau dévoile le caractère partiel de toute vérité et révèle tout universel comme totalitaire, alors qu'il pousse la pensée, ainsi que ses recoins et ses creux les plus obscurs — à commencer par l'inconscient, l'onirique et l'imaginaire — à se manifester comme force concrète, comme abstraction réelle.

Avec le terme General Intellect (Cerveau Social), Karl Marx indique le stade à partir duquel ce ne sont plus certains faits ou objets — par exemple la monnaie — qui ont le statut de pensée, mais où ce sont nos pensées, en tant que telles, qui jouissent immédiatement du statut de faits matériels. La transformation d'une pensée en « chose » est une abstraction réelle, c'est-à-dire la modalité par laquelle un ordre cognitif s'extériorise et se cristallise en devenant ainsi nécessairement autre et en perdant sa vitalité originarie: elle se sédimente dans une matière qui, tout en reproduisant l'instant d'élaboration d'une vie, devient morte et se transforme immédiatement en barrière pour des passages ultérieurs, des zones de transit, des formes d'expression. Or, si dans le cas de l'abstraction réelle, en effet, c'est un fait empirique qui s'incarne et se décline dans la structure d'une pensée pure, dans le cas du General Intellect le rapport se renverse et change de signe: nos pensées apparaissent sur la scène avec tout le poids et l'incidence typique des faits.

La pensée émotionnelle qui participe à la caractérisation des nouvelles sphères publiques ne se projette plus à l'extérieur d'elle-même, mais se multiplie dans le bassin des interactions que ses molécules et ses articulations activent sans cesse. C'est l'une des raisons pour lesquelles nous assistons au déracinement progressif des idéol-

² Aquilo que se ramifica por influência de concepções diversas, conforme defendeu a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

fatos. O pensamento emocional que participa da caracterização de novas esferas públicas não se projeta mais para fora de si, mas se multiplica na “bacia”³ de interações que suas moléculas e suas articulações ativam sem cessar. É uma das razões pelas quais assistimos ao desenraizamento progressivo das ideologias históricas, de suas projeções, assim como dos valores que carregam com elas, para além do tempo e do espaço.

O corpo-a-corpo da inteligência conectiva aponta, constantemente, para novos caminhos, proporcionando ao pensamento uma possibilidade de expressão tão rápida que não se pode mais interrompê-lo ou colocá-lo em estruturas externas e sólidas, ou em sistemas de valores que não são situacionais e contextualizados. As idas e vindas entre pessoas, *network*, *clouds*, “tribos” e multidões, bem como o próprio caráter nômade em que a *socialidade* contemporânea se manifesta, na qual a adesão ao grupo sempre abre espaço para atravessar outros grupos e experimentar novas identidades, trazem à luz uma subjetividade flexível e, constantemente, incandescente, um *monstro* sob uma forma sempre cambiante.

Nossas existências adquiriram alguma coisa de monstruosa durante esta pandemia. O distanciamento social entre os indivíduos apenas radicalizou as diferenças em termos de direitos e possibilidades, já muito marcadas em nossa condição. Assim, aqueles que são frágeis tornam-se ainda mais frágeis. Além disso, uma vida que se tornou completamente eletrônica

ogies historiques, de leurs projections ainsi que les valeurs qu'elles portent avec elles, au-delà du temps et de l'espace. Le corps-à-corps de l'intelligence connective indique constamment de nouvelles voies, en fournissant à la pensée une possibilité d'expression si rapide qu'on ne peut plus l'arrêter ou la faire reposer sur des structures extérieures et solides, ou sur des systèmes de valeurs qui ne sont pas situationnels et contextualisés. Les va-et-vient entre personnes, networks, clouds, tribus et multitudes, le caractère nomadique même dans lequel se manifeste la socialité contemporaine, où l'adhésion au groupe laisse toujours une place pour la traversée d'autres groupes et l'expérimentation de nouvelles identités, mettent en lumière une subjectivité flexible et constamment en incandescence, un monstre sous une forme toujours changeante.

Nos existences ont acquis quelque chose de monstrueux pendant cette pandémie. La distance sociale entre les individus n'a fait que radicaliser les différences en termes de droits et possibilités déjà très marquées dans notre condition. Ainsi, celles et ceux étant fragiles le sont davantage. En outre, une vie devenue complètement électronique nous a transformés en interfaces en annihilant tant nos corps que notre vie sensible. Ce n'est pas un hasard si on assiste à l'éruption de formes de violence de tout ordre, ainsi qu'à la consommation d'images hard, crues et extrêmes. Sans le vouloir, c'est comme si on était toutes et tous sur OnlyFans.

Plutôt que de recourir au champ sémantique de la réalité augmentée — une formule très à la mode — pour décrire la condition contemporaine, il conviendrait de mobiliser celui de l'irréalité augmentée ! De façon totale-

³ Trata-se de uma “bacia semântica”, no sentido dado por Gilbert Durand. Metáfora potamológica para designar, em um conjunto sociocultural, o mesmo que um processo de divisão de águas, confluências, reabilitação das margens e deltas. Aquilo que agrega e escoia.

nos transformou em interfaces, destruindo tanto nosso corpo quanto nossa vida sensível. Não é por acaso que assistimos à erupção de formas de violência de toda ordem, bem como ao consumo de imagens duras, cruas e extremas. Sem o desejarmos, é como se estivéssemos todas e todos no *OnlyFans*.

Em vez de recorrer ao campo semântico da *realidade* ampliada — uma fórmula bastante na moda — para descrever a condição contemporânea, seria conveniente apelar ao da *irrealidade* aumentada! De forma totalmente inesperada, nós assistimos, de fato, à inversão da hierarquia e do equilíbrio entre o material e o imaterial em favor deste último, a ponto de perturbar a teoria marxista sobre estrutura e superestrutura: hoje, mais do que nunca, pensamento, imaginação e linguagem precedem a vida material e a moldam à sua própria imagem. Olhando mais de perto, se o imaginário coletivo — ou melhor, conectivo — triunfa sobre o princípio da realidade, então a mídia é o território privilegiado do ser-aí, de onde deriva tanto nossa identidade mais profunda, uma identidade midiática, quanto nossa experiência, nossa vida “ordinária” — ou melhor, extraordinária.

Para além dos anúncios grandiloquentes, difundidos com entusiasmo ingênuo e capcioso pelos protagonistas da *social media marketing* e outros benevolentes da sociedade dita de informação, da economia do imaterial e do capitalismo neoliberal, esta história, paralelamente às narrativas das redes sociais, não é tanto a emanção direta de nossas vidas, mas é antes, no fundo, sua contradição definitiva, porque ela não depende nem procede do sujeito narrador, cartesiano, mestre de si e possuidor da natureza, egresso da tradição humanista.

ment inattendue, nous assistons en effet à l'inversion de la hiérarchie et de l'équilibre entre matériel et immatériel en faveur de ce dernier, au point de bouleverser la théorie marxiste sur la structure et la superstructure : aujourd'hui plus que jamais, pensée, imagination et langage précèdent la vie matérielle et la façonnent à leur image. À y regarder de plus près, si l'imaginaire collectif — ou, mieux, connectif — triomphe du principe de réalité, alors les médias sont le territoire privilégié de l'être-là, d'où découle tant notre identité la plus profonde, une identité médiatique, que notre expérience, notre vie ordinaire — ou plutôt extraordinaire.

Au-delà des annonces grandiloquentes diffusées avec un enthousiasme ingénu et captieux par les protagonistes du social media marketing et autres bonimenteurs de la société dite de l'information, de l'économie de l'immatériel et du capitalisme néolibéral, cette histoire, parallèlement aux récits des réseaux sociaux, n'est pas tant l'émanation directe de nos vies, elle est même, au fond, sa contradiction définitive, car elle ne dépend ni ne procède du sujet narrant, cartésien, maître de soi et possesseur de la nature, issu de la tradition humaniste. Poussant à l'extrême la confession utilisée par le christianisme puis par les sciences modernes pour modeler les consciences et normaliser les coutumes, le réseau et ses multiples avatars nous incitent à notre insu à nous dépouiller de notre individualité et à l'extérioriser, à rendre publique notre vie, pour ensuite nous enserrer dans leurs mailles et nous traduire en données entièrement mises à la disposition des algorithmes, des intelligences artificielles, des entreprises et d'autres altérités technosociales.

Le futur sera peut-être hybride, mais le véri-

Levando ao extremo a confissão usada pelo Cristianismo e depois pelas ciências modernas para modelar as consciências e normalizar os costumes, a rede e seus múltiplos avatares incitam-nos, inconscientemente, a nos despirmos de nossa individualidade e a exteriorizá-la, tornando pública nossa vida, para, só então, nos enredar em suas malhas e nos traduzir em dados inteiramente colocados à disposição dos algoritmos, das inteligências artificiais, das empresas e das outras alteridades tecnossociais. O futuro será, talvez, híbrido, mas a verdadeira paisagem que nós habitaremos será uma espécie de terceira dimensão entre a tecnoesfera, a biosfera e os resíduos da humanidade.

Na sua opinião, quais são as características essenciais desse, digamos, “salto tecnológico”?

Durante séculos, nós, ocidentais, agimos em relação ao tempo e espaço a partir do sujeito, a fim de orquestrar o mundo ao nosso feitio. Hoje, estamos cedendo a uma razão que nos precede e nos ultrapassa. Ela nos esquece, de certa forma, escorrega de nossas mãos e parece conspirar, com nossa cumplicidade, contra o homem moderno. Em última análise, após um longo período no qual a técnica acolheu o ímpeto do humanismo, tendendo a desempenhar o papel de instrumento à sua disposição, agora nos encontramos em outra configuração, a que se coloca como um sistema integral e inteligente de energias, algoritmos e dispositivos, sistema esse tão poderoso que, atualmente, somos nós que dele derivamos.

Marshall McLuhan, o autor da famosa fórmula reveladora “o meio é a mensagem”, não ignorava, no entanto, esta tendência: “Subme-

table paysage que nous habiterons sera une sorte de troisième dimension entre la techno-sphère, la biosphère et les résidus de l’humanité.

Selon votre avis, quels sont les caractéristiques essentielles de ce, disons, « saut technologique »?

Pendant des siècles, nous, Occidentaux, avons agi sur le temps et sur l’espace à partir du sujet afin d’orchestrer le monde à notre guise. Or nous nous livrons désormais à une raison qui nous précède et nous dépasse. Elle nous oublie, en quelque sorte, nous a échappé des mains et semble conspirer, avec notre complicité, contre l’homme moderne. En définitive, après une longue période où la technique a accueilli l’élan de l’humanisme en jouant tendanciellement le rôle d’instrument à sa disposition, nous nous trouvons à l’heure actuelle dans une autre configuration qui se pose en système intégral et intelligent d’énergies, d’algorithmes et de dispositifs, si puissante que c’est désormais nous qui dérivons d’elle.

Marshall McLuhan, l’auteur de la fameuse formule révélatrice « le médium est le message », n’ignorait néanmoins pas cette dérive : « En nous soumettant sans relâche aux technologies, nous en devenons des servomécanismes. Voilà pourquoi nous devons, si nous tenons à utiliser ces objets, ces prolongements de nous-mêmes, les servir comme des dieux, les respecter comme des sortes de religions » (M. H. McLuhan, Pour comprendre les médias, p. 91-92).

La condition hyperactive où nous nous trouvons et nous agissons, assortie de frénésie et de stress, d’inquiétude, d’anxiété et de fatigue, ne renvoie pas à une centralité renouvelée du sujet dans le gouvernement du monde, mais à

tendo-nos, implacavelmente, às tecnologias, tornamo-nos *servomecanismos*. É por isso que, se quisermos utilizar esses objetos, esses prolongamentos de nós mesmos, devemos servi-los como deuses, respeitá-los como espécies de religiões” (MH McLuhan, em *Pour comprendre les médias*, p. 91-92).

A condição hiperativa em que nos encontramos e nos agitamos, acompanhada de frenesi e estresse, preocupação, ansiedade e cansaço, não remete a uma renovada centralidade do sujeito no governo do mundo, mas à sua escravidão definitiva, ainda mais eficaz quanto voluntária, estética e espetacular. Os indivíduos envolvidos são levados a ser protagonistas da cena, performáticos e felizes apenas na medida em que sua existência é, inteiramente, devotada ao altar de um império invisível e capilar, no qual eles próprios se transformam em algo de híbrido entre a obra de arte, a mercadoria e o espetáculo.

Estamos todos *expostos* a esse dilema, *expostos* como obras-primas, objetos a contemplar, arte a exibir e carne a consumir, *stars* caídas ao solo — em queda livre. Por mais paradoxal que possa parecer, a estetização do público é um deles, com sua respectiva aniquilação. Nós vivemos — mesmo que, a partir de agora, pudéssemos dizer “vivíamos” — em um museu a céu aberto, como costumamos definir, comumente, nossas metrópoles redesenhadas por *graffiti*, *stencils* e *tags*, atravessadas por desfiles festivos, coloridas por costumes urbanos, sacudidas por vibrações musicais e habitadas de acordo com as vocações poéticas desde baixo, dos interstícios e do cotidiano. Na cidade, como entre as malhas da *web*, estamos sob o olhar e nas mãos de outros, disponíveis, prontos a sermos obser-

son asservissement définitif, d'autant plus efficace qu'il est plus volontaire, esthétisé et spectaculaire. Les individus impliqués sont amenés à n'être protagonistes de la scène, performatifs et heureux que dans la mesure où leur existence est entièrement consacrée à l'autel d'un empire invisible et capillaire, où ils sont eux-mêmes transformés en quelque chose d'hybride entre l'œuvre d'art, la marchandise et le spectacle.

Nous sommes tous exposés à cet enjeu, exposés comme chefs-d'œuvre, objets à contempler, art à exposer et chair à consommer, stars tombées à terre — en chute libre. Si paradoxal que cela puisse paraître, l'esthétisation du public ne fait qu'un avec son anéantissement. Nous vivons — même si désormais on peut dire nous “vivions” — dans un musée à ciel ouvert, comme on définit d'ordinaire nos métropoles redessinées par les graffitis, les pochoirs et les tags, traversées par les défilés festifs, colorées par les costumes urbains, secouées par des vibrations musicales et habitées selon des vocations poétiques issues d'en bas, des interstices et du quotidien. En ville comme parmi les mailles de la Toile, nous sommes sous les regards et entre les mains des autres, disponibles, prêts à être observés, manipulés, retouchés, emballés et vendus. Nous sommes en exposition, nous sommes l'exposition : bons, vrais et beaux tant que nous nous prêtons au jeu en régénérant ses flux, son paradigme et sa structure.

Dans ce contexte, l'hypothèse formulée par Günther Anders en 1956 paraît plus pertinente que jamais: «L'homme est obsolète» (G. Anders, L'obsolescence de l'homme). L'exercice qu'il faut accomplir consiste ainsi à comprendre comment vivre et être-ensemble dans un monde marqué

vados, manipulados, retocados, embalados e vendidos. Estamos em exposição, estamos em exibição: bons, verdadeiros e belos enquanto nos prestarmos a esse jogo, regenerando seus fluxos, seu paradigma e sua estrutura.

Nesse contexto, a hipótese formulada por Günther Anders, em 1956, parece mais pertinente do que nunca: “O homem é obsoleto” (G. Anders, *L’obsolescence de l’homme*). O exercício que se deve realizar, portanto, consiste em compreender como viver e estar-junto em um mundo marcado pelo nosso declínio; de que forma habitar nossa decadência, quem e o que conservar vivo, para quem e para que deixar espaço. Com efeito, deixamos para trás o indivíduo racional, mestre de si e possuidor da natureza, o homem que age sobre o mundo para mudá-lo.

Por outro lado, assistimos ao nascimento de uma série de “nós”, de tramas conectadas das quais o ser humano é não mais do que uma partícula entre tantas outras. Recomendamos a depender dos outros: social, natural, técnico. Perder o controle do jogo. Esta é, provavelmente, também, a oportunidade de nos religarmos, organicamente, com tudo o que tentamos dominar até agora. Pode ser um passo para trás na era do progresso e da produção, mas um passo de dança em que a vida improdutivo de que escreveram Georges Bataille, Michel Maffesoli e Philippe Joron ou o “dom do nada”⁴, caro a Jean Duvignaud, seria superior na economia política!

par notre déclin, de quelle façon habiter notre décadence, qui et que conserver en vie, à qui et à quoi laisser de l'espace. En effet, nous nous laissons derrière l'individu rationnel maître de soi et possesseur de la nature, l'homme qui agit sur le monde pour le changer. En revanche, on assiste à la naissance d'une série de "nous", de trames connectées dont l'être humain n'est qu'une particule parmi tant d'autres. Nous recommandons à dépendre de l'autre : social, naturel, technique. A perdre le control du jeu. C'est probablement aussi la bonne occasion pour nous d'être reliés à nouveau, de manière organique, avec tout ce que nous avons essayé de dominer jusqu'à maintenant. Ce pourrait être un pas en arrière par rapport à l'époque du progrès et de la production, mais un pas de danse où la vie improductive dont ont écrit Georges Bataille, Michel Maffesoli et Philippe Joron, ou le « don du rien » cher à Jean Duvignaud, reprendraient le dessus sur l'économie politique!

⁴ Referência a “Le don du rien: Une anthropologie du coin de la rue” (1977, Téraèdre), de Jean Duvignaud. « O dom do nada » é uma espécie de inutilidade do excesso, do festivo, como na filosofia dionisíaca em Nietzsche.

Como explicar a “emergência” das fake news nesse período de pandemia quando a informação é, justamente, um vetor de tomada de consciência?

As grandes narrativas, as elites — porta-vozes delas — e os meios de comunicação, através dos quais se disseminaram, há muito, já, perderam sua potência e seu poder em termos de atração social. Essa mudança de paradigma acompanha a crise do modelo comunicacional vertical, racional, ideológico e abstrato, bem como a emergência de um sistema *botton up* e *grassroots*, vindo de baixo, das redes, dos usuários. Nesse sentido, cada um acredita mais em suas afinidades conectivas — aquelas e aqueles que compartilham conosco emoções, estilos de vida, gostos e paixões — do que em profissionais da verdade: políticos, jornalistas, intelectuais. Assim, cada verdade vivida localmente ou compartilhada em redes com seus pares, no imaginário coletivo e, ainda mais, no conectivo é mais “verdadeira” do que a Verdade oficial.

Pouco importa, de fato, que não tenha nada a ver com fatos objetivos: o que conta é que ela corresponda a uma “ambiência”, que acompanhe pactos simbólicos e seja capaz de ressoar com uma das bolhas em que se articula a emoção pública. Durante a pandemia, a situação se radicalizou. As lacunas, os erros e os atrasos no enfrentamento da crise, que mancharam o perfil de muitas elites políticas, econômicas e da saúde globais, intensificaram a desconfiança de grande parte do corpo social em relação às verdades oficiais.

Além disso, como estavam mudando rapidamente, elas, paradoxalmente, aproximaram-se da dinâmica que marca as Fake News! Assim, acabamos preferindo notícias vindas de grupos de proximidade física ou simbólica, construídas

Comment expliquer l'émergence des Fake News en période de pandémie quand l'information est juste un vecteur de prise de conscience?

Les grands-récits, les élites qui en étaient les porte-parole et les médias par lesquels ils étés diffus ont perdu depuis longtemps leur puissance et pouvoir en termes d'attraction sociale. Ce changement de paradigme s'accompagne à la crise du modèle communicationnel vertical, rationnel, idéologique et abstrait, et à l'émergence d'un système botton up et grassroots, venant du bas, des réseaux, des usagers. En ce sens, chacun croit plus à ses affinités connectives — celles et ceux qui partagent avec nous des émotions, styles de vie, goûts et passions — plutôt qu'aux professionnels de la vérité : les politiques, journalistes, intellectuels... Ainsi, chaque vérité vécue localement, ou partagée en réseaux avec ses pairs, dans l'imaginaire collectif et encore plus dans celui connectif est plus « vraie » que la Vérité officielle. Peu importe, en effet, qu'elle n'ait rien à voir avec les faits objectifs : ce qui compte est qu'elle corresponde à une ambiance, qu'elle accompagne des pactes symboliques et soit en mesure de résonner avec une des bulles dont s'articule l'émotion publique. Pendant la pandémie, la situation s'est radicalisée. Les failles, les erreurs et le retard dans la gestion de la crise ayant entamé le profil de nombreuses élites politiques, économiques et sanitaires mondiales ont intensifié la méfiance d'une large partie du corps social envers les vérités officielles. D'ailleurs, comme celles-ci changeaient de manière rapide, elles se sont paradoxalement rapprochées des dynamiques qui marquent les fake news ! Ainsi, on a finit par préférer les nouvelles venant de

por conversação, troca e colaboração, mais do que confiar naquelas oriundas de médicos, cientistas ou políticos, porque estas pareciam confusas, contraditórias e, frequentemente, inacessíveis. Disto depende uma constelação de verdades parciais, com as quais devemos lidar, que substitui a ordem da Verdade.

groupes de proximité physique ou symboliques, construites par la conversation, l'échange et la collaboration, plutôt que se confier à celles venant des médecins, des savants ou des politiques, car celles-ci semblaient floues, contradictoires et souvent inaccessibles. Il en dépend une constellation de vérités partielles, dont il faudra faire avec, qui remplace l'ordre de la Vérité.



**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo